

Procopio: A VERDADE DE CADA QUAL

Vinicius Caldeira Brant

Talvez o Coronel Aseo, ao dar-lhe o nome de Candido, tivesse em mente Voltaire. Mesmo que assim não tenha sido, assim passou a ser. Candido Procopio Ferreira de Camargo encarnou a sabedoria como interrogação permanente. Não simplesmente a dúvida cartesiana, mas aquela atitude menos fria de buscar o que não se sabe com um misto de paixão e de humildade. Mestre de muitos cientistas sociais de hoje, seu maior ensinamento talvez tenha sido o matiz das afirmações. Vejo-me, por exemplo, usando a palavra talvez em cada frase. Procopio sabia melhor que qualquer outro recusar certezas e nos ensinava, a cada passo, a usar a intuição e a duvidar dela.

Trabalhamos muitas vezes juntos. Começamos pelo fim. Na pesquisa sobre o trabalho nos cárceres, Procopio se dispôs a participar de todas as tarefas. Adentramos juntos as cadeias, ao lado de jovens estagiários e de professores universitários, que compunham uma equipe de trabalho de campo heterogênea no que se refere à experiência, mas homogênea no que possa se referir à curiosidade e à paixão pelo tema e por suas consequências políticas. Procopio aplicou questionários com o mesmo zelo que o do mais inexperiente membro da equipe.

Tínhamos todos a mesma curiosidade em torno de uma questão pouco trabalhada nas ciências sociais no Brasil. Ao discutir os resultados, Procopio era sem-

pre o primeiro a objetar contra assertivas categóricas. Não por motivos táticos (os do não-compromisso), mas pelos da dúvida real.

Esse mesmo compromisso com a incerteza marcou sua participação em muitas pesquisas que fizemos juntos, durante mais de dez anos, desde o *São Paulo, Crescimento e Pobreza*.

Procopio nos ensinou que, ao fazer pesquisas, não se tratava de testar ou atestar, mas, antes, de indagar. Talvez (de novo o talvez) sua sede de absoluto devesse se traduzir na humilde postura de relativizar qualquer achado e na timidez de transmitir conclusões.

Se aqueles que conviveram com Procopio, no dia-a-dia do trabalho científico, recolheram, em maior ou menor medida, o ensinamento da humildade, o que dizer de sua postura política? Sempre discreto, mas arraigado, mais do que qualquer outro, a posições determinadas pela ética, Procopio interveio em momentos críticos de modo decisivo. Sem ele não teria havido o CEBRAP. Sem ele, a Comissão Justiça e Paz não teria tido o papel que teve. Sem sua oportuna intervenção, muitos dos que compõem a lista dos ex-presos políticos poderiam ter passado à lista dos "desaparecidos".

Sua descrição não se opunha à coragem, muito ao contrário, era um selo de ousadia. Sutilmente, Procopio induziu muitos de nós a reassumir e levar à frente compromissos políticos, diante de riscos que se propunha a arrostar primeiro. Foi assim que, como presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, levou-nos a participar da solidariedade às primeiras greves do ABC e de uma das primeiras mobilizações públicas contra a ditadura, o Movimento Justiça e Libertação. Foi assim que, embora sem engajamento pessoal em partidos (de novo a incerteza), estimulou vários de nós à participação direta na ação político-partidária. Não obstante, seu apoio não traduzia um cheque em branco, mas o estímulo e uma postura política que não o isentava de dialogar com todas as tendências e de manter sua posição crítica diante de todas elas.

Estou convencido de que Procopio era, no íntimo, o mais católico dos católicos. No entanto, ou antes, por isso mesmo, buscava a verdade de cada qual, ao estudar a umbanda, o pentecostalismo, o kardecismo. Sua curiosidade pela cultura

japonesa, que o levou a residir um tempo no lado antípoda do planeta, revela bem que Procopio não se contentava em receber o que lhe fora transmitido por herança, mas interrogava, todo o tempo, o que cada qual poderia revelar.

Embora não cuidasse de sua própria saúde, Procopio dedicou boa parte de seu tempo a interrogar sobre a doença. O que leva alguém a proclamar-se doente? O que é a doença socialmente formalizada como tal? Em que constituem as terapias, da medicina institucional e das culturas alternativas ou paralelas? Procopio não "chutava" respostas. Antes fazia indagações. Foi a partir delas que seu último trabalho, sobre as terapias religiosas, levou anos a ser planejado. Certamente nos teria deixado, se tivesse tempo, umas poucas frases em que teria sintetizado algumas conclusões e suas dúvidas persistentes.

A surpresa que nos atingiu com a partida de Procopio foi de novo uma revelação de que a dúvida e a relatividade são trilhas do conhecimento. A dor não nos impedirá de seguir o essencial de seu ensinamento: a busca da verdade tem muitos caminhos.

Max Weber, em conferências que se tornaram célebres, distinguia a política e a ciência como "vocações". Entre nós há muitas misturas. Mas cada qual tende a separar suas motivações em agendas bem divididas, em função da prestação de contas no local de trabalho, no sindicato, no partido, nos foros científicos ou nas mobilizações coletivas na "sociedade civil" (com a peculiar definição que se dá a essa expressão no Brasil) ou no âmbito estatal. Mudamos o traje e a atitude segundo os cenários, embora exerçamos alternadamente os papéis de cientistas (por definição isentos) ou de políticos (por definição engajados). Nisso também Procopio nos convidava a fugir da esquizofrenia, por sua posição invariavelmente engajada e crítica em qualquer terreno.

Muito mais poderia ser dito e compartilhado, como testemunha, de muito do que se afirma em outras páginas desta revista. Mas, diante da concisão de Procopio e de seu zelo pela descrição e pela privacidade, já sinto que falei demais.

Vinicius Caldeira Brant. Sociólogo, pesquisador do CEBRAP, presidente do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 17, pp. 36-37, maio 87
